


# RELIGIÃO E SEXUALIDADE EM "CORPOS SECOS": UMA ANÁLISE DISCURSIVO-CRÍTICA DE MATEUS E DO PASTOR DOS MORTOS

*RELIGION AND SEXUALITY IN "CORPOS SECOS": A DISCOURSE-CRITICAL ANALYSIS OF MATEUS AND THE PASTOR DOS MORTOS*

Givanildo Lucas Santos da Rocha<sup>i</sup>

 <https://orcid.org/0009-0004-1937-2741>

Ana Maria Sá Martins<sup>ii</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-6397-4190>

**Resumo:** Neste estudo, realizamos uma análise discursivo-crítica do romance distópico "Corpos Secos", ao partirmos da relação intrínseca entre literatura e sociedade e fundamentados na ferramenta metodológica da Análise de Discurso Crítica (ADC) de Fairclough (2001, 2003). Investigamos como a narrativa constrói e questiona espaços de poder através dos significados acional e representacional, a fim de analisarmos como o personagem Mateus representa as tensões entre normas religiosas e identidade sexual, evidenciando que o discurso ideológico religioso pode marginalizar e, paradoxalmente, gerar resistência. Concluímos que a literatura, ao retratar discursos ideológicos, funciona como um meio de resistência simbólica ao provocar reflexões sobre a homossexualidade e o sagrado e desafiar o leitor a reconsiderar normas tidas como consolidadas por arquivos hegemônicos.

**Palavras-chave:** análise discursivo-crítica; Corpos Secos; sexualidade; subversão.

**Abstract:** *In this study, we conducted a critical discourse analysis of the dystopian novel "Corpos Secos", stemming from the intrinsic relationship between literature and society and founded on the methodological tool of Fairclough's Critical Discourse Analysis (CDA) (2001, 2003). We investigated how the narrative constructs and questions spaces of power through actional and representational meanings, aiming to analyze how the character Mateus represents the tensions between religious norms and sexual identity, demonstrating that the religious ideological discourse can both marginalize and, paradoxically, generate resistance. We conclude that literature, by portraying ideological discourses, functions as a means of symbolic resistance, provoking reflections on contemporary political and social themes and challenging the reader to reconsider norms held as consolidated by hegemonic archives.*

**Keywords:** *discursive-critical analysis; Corpos Secos; sexuality; subversion.*

**DOI:** 10.22478/ufpb.2764-4251.2025.n2.77374

**Recebido em:** 28/11/2025

**Aprovado em:** 10/12/2025

---

<sup>i</sup> Discente do curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7205942481839231>. E-mail: [givanildolucas.s.rocha@gmail.com](mailto:givanildolucas.s.rocha@gmail.com).

<sup>ii</sup> Doutora em Linguística (UFRJ). Professora associada do Departamento de Letras na Universidade Estadual do Maranhão e professora na Rede Municipal de Ensino, na UEB Santa Clara. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8559501536465655>. E-mail: [anamariasapericuma@gmail.com](mailto:anamariasapericuma@gmail.com).



## 1 INTRODUÇÃO

A relação entre literatura e discurso é essencial para compreender como as obras literárias refletem, tensionam e reconfiguram as estruturas sociais. A literatura, enquanto prática social (Fairclough, 2001, 2003), não apenas espelha a realidade, mas intervém nela ao problematizar discursos dominantes e ao propor novas leituras, sensibilidades e formas de resistência contrapostos aos arquivos ideológicos que estruturam o imaginário social.

Para Cruz (2025), há uma tendência atual de focar predominantemente nos aspectos temáticos e ideológicos (externos) da ficção contemporânea em detrimento de sua suposta "literariedade" ou estilo (internos). Entendemos, no entanto, que o "externo" não deve ser considerado apenas como algo fora do objeto literário, mas como parte integrante de sua própria constituição.

Neste trabalho, propomos uma abordagem que visa equilibrar tanto os elementos "externos", como o contexto histórico, político e cultural que atravessa nosso objeto, quanto os aspectos internos, relacionados à construção formal, estilística e estrutural do texto em novas formas de dizer, tomando o objeto literário como um grande discurso.

Para isso, selecionamos o romance "Corpos Secos" (2020), que emerge como peça-chave na ficção distópica brasileira dos últimos anos. Publicado em meio às disputas político-ideológicas de e após 2018, apresenta um Brasil devastado por uma praga de "zumbis" de origem desconhecida e é narrado por quatro personagens que expõem, cada um a seu modo, diferentes formas de experimentar o colapso: Mateus, Regina, Murilo e Constância.

É o personagem Mateus, porém, que nesta nossa leitura, concentra o núcleo simbólico mais forte da narrativa: homem *gay* marcado pela vulnerabilidade, mas também por afetos, memória, cuidado e potencial de cura para a zumbificação, é antítese do Pastor dos Mortos, líder messiânico que converte o medo e o desespero social em instrumento de controle. Assim, a obra coloca lado a lado duas forças que não apenas se contrapõem, mas que expõem o conflito entre subjetividade e dominação, entre a reconstrução solidária e o uso estratégico do sagrado para perpetuar o caos.

Diante disso, a questão que orienta esta análise é: como o romance "Corpos Secos" (2020) representa o confronto entre a sexualidade de Mateus e o discurso de controle religioso e salvação autoritária do Pastor dos Mortos?

Portanto, nosso objetivo geral foi examinar a representação de ideologias e tensões sociais por meio das interações e características dos personagens Mateus e Pastor dos Mortos,



destacando a reflexão sobre o embate entre o discurso religioso e a representação da homossexualidade, cristalizada por diversos arquivos religiosos e midiáticos.

Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica a respeito da literatura e sociedade principalmente nos textos de Candido (2006) e Leenhardt (1998), uma vez que compreendemos a literatura, enquanto estrutura dialógica, como um ambiente-espelho de crítica e reflexão da realidade; nos estudos de Eagleton (2003) e Maingueneau (2005) que relacionam as dinâmicas sociais e suas manifestações pelo uso social da língua(gem) na literatura, visto que, no ambiente distópico da obra, há a reverberação de discursos presentes fora do mundo fictício e que podem (ou não) contestar as estruturas de poder, refletindo as práticas sociais externas ao texto.

Ademais, do ponto de vista metodológico, articulamos os significados do discurso acional e representacional da Análise de Discurso Crítica (ADC), segundo Fairclough (2001, 2003) e Resende e Ramalho (2006), como ferramentas metodológicas para analisar “Corpos Secos” (2020) a partir do micro (textual) para o macro (social).

Assim, acreditamos termos ido além da “tendência crítica que se foca na temática”, uma vez que a análise crítica observou como os temas de desigualdade e injustiça social inserem “Corpos Secos” (2020) no contexto de crise no Brasil, e na análise formal examinou como a linguagem estiliza esses temas, com o objetivo de demonstrar um olhar acerca de sua literariedade e força artística, o que corresponde respectivamente, assim, à Integração e Diferenciação (Candido, 2006).

## 2 LITERATURA E SOCIEDADE: UM ESPAÇO DE REFLEXÃO E CONFLITO

Ao falarmos acerca de literatura engajada contemporânea, é preciso frisar que há uma busca por um equilíbrio crítico entre abordagens que priorizam a forma literária em detrimento do conteúdo e aquelas que consideram o contexto social externo como um fator relevante na avaliação e valorização de uma obra. Na atualidade, obras com um enfoque social têm sido rotuladas como “panfletárias”, termo definido no dicionário como aquilo que “revela apoio entusiástico ou enfático a determinada doutrina, movimento etc.” (Caldas Aulete, 2025).

Sob essa ótica, tais obras frequentemente visam promover uma ideia, uma agenda política ou social específica, ou criticar uma situação ou sistema existente de maneira direta e persuasiva, por alguns consideradas menos estéticas e puramente políticas. Além disso, não estarem inseridas numa extensa tradição de estudos literários também contribuem para essa ideia, o mesmo já não ocorre em obras como “A Metamorfose”, de Franz Kafka, e “Cem Anos



de Solidão”, de Gabriel Garcia Márquez, que são carregadas de teor crítico social e são consideradas obras de literatura clássica.

A professora, escritora e crítica Noemi Jaffe (2023), ao falar do processo de escrita literária no programa “QUATRO Cinco Um”, afirma que:

Na literatura o que importa não é a eficácia, comunicar uma ideia com eficácia, você está entregando tua ideia para as palavras transformarem aquela ideia em literatura. É isso que tá faltando um pouco. A gente tá produzindo uma literatura mais de ideias do que uma literatura feita com e pela linguagem (Jaffe, 2023).

A qualificação de tais obras como "literatura de ideias" está no cerne do que a professora e pesquisadora da Universidade de Brasília (UNB), Regina Dalcastagnè, define como uma avaliação depreciativa que ainda ocorre em relação aos estudos da literatura dissonante, ao caracterizar a percepção da academia frente a essas obras:

É um investimento simbólico diante de nossos pares, ou seja, outros pesquisadores reconhecidos, que podem discordar radicalmente de nossa valoração dessa obra, e, por isso, enquadrar-nos em nichos menos valorizados dentro da academia (em vez de estudiosos literários, passamos a ser vistos como “aquelas feministas”, “aquele pessoal dos estudos culturais”, “aquele grupo que faz sociologia da literatura”) (Dalcastagnè, 2012, p.6).

No caso de “Corpos Secos” (2020), a crítica política e social é predominante, pois evidencia personagens que representam grupos marginalizados, como a população *Queer*, grupos dominantes economicamente e suas ideologias/percepções, como os latifundiários brasileiros, e expõe, de forma metaforizada, mas verossímil, cenários de desumanização ocorridos de 2018 a 2022 movidos pelo viés político, econômico e religioso. A abordagem desses temas sensíveis pode influenciar a percepção da obra não apenas pela academia, mas também pelo público leitor em geral.

Nesse viés, Candido (2006), esboça o problema aqui relatado, apresentando a trajetória de transição entre essas críticas e ressaltando que não deve haver, na contemporaneidade, uma dissociação entre uma e outra:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra [...]. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (Candido, 2006, p. 13-14).

Assim sendo, seguimos a visão de Candido (2006) ao vermos a literatura como uma estrutura dialógica, compreendendo que a relação entre literatura e sociedade é fundamental para entender como a literatura pode refletir, questionar e influenciar o contexto social em que é produzida.

Compreendemos, também, como explicitado por Candido (2006), o externo ao texto enquanto mecanismo interno no ato criador de personagens, enredos e cenários, em que os autores podem aplicar, por exemplo, estratégias da narratologia e metaforização para explorar temas sociais, políticos e culturais, a fim de permitir aos leitores uma reflexão mais profunda sobre as dinâmicas da sociedade; há, então, uma união entre conteúdo e forma.

Além disso, a literatura pode atuar como um agente de mudança, moldando a percepção pública e influenciando o debate social. Leenhardt (1998) corrobora esse argumento ao afirmar que o texto literário adquire sua significância social por constituir um meio essencial para o indivíduo estabelecer suas relações imaginárias com os outros membros de seu grupo. A literatura deve ser entendida como um discurso que se desenvolve em e através da sociedade, não podendo ser analisada de forma isolada da cultura na qual está inserida.

Se nos basearmos nessas afirmações, implica dizer que há uma intersecção entre o texto literário e a análise do discurso que pode contribuir para desvelar os mecanismos “externos” e sua operação na forma literária, uma vez que a construção simbólica na literatura engajada contemporânea está associada à posição de quem diz, o que quer dizer, para quem quer dizer e os mecanismos linguísticos e discursivos envolvidos no processo.

Maingueneau (2005) contribui para essa reflexão ao afirmar que:

Considerar o fato literário em termos de "discurso" é contestar esse ponto fixo, essa origem "sem comunicação com o exterior", que seria a instância criadora, para retomar uma célebre fórmula de Proust em *Contra Sainte-Beuve*. É renunciar ao fantasma da obra em si, em sua dupla acepção: a) a de obra autônoma, b) a de obra enquanto consciência criadora. Há várias décadas, numerosos trabalhos têm renovado, neste sentido, nossa percepção da literatura. Entretanto, muito frequentemente, eles são compreendidos como retificações locais, ainda que esse panorama esteja começando a se reconfigurar. Impossível modificar nossa concepção da instância criadora sem propor uma modificação de nossa apreensão do fato literário, considerado em sua diversidade histórica e geográfica (Maingueneau, 2005, p. 17).

Ao compreendermos a literatura como discurso e não como obra isolada, como propõe Maingueneau (2005), evidenciamos que o dizer literário nasce de disputas por legitimidade dentro de um campo marcado por arquivos e vozes hegemônicas. Nesse cenário, apenas certos modos de dizer são reconhecidos como válidos, enquanto outros permanecem silenciados, porque não se enquadram nas formas dominantes de produção de sentidos. Assim, a emergência



de novos dizeres implica romper essas fronteiras simbólicas, pois, como aponta Dalcastagnè (2012, p. 22), quando o modo de falar do sujeito não é aceito, “ao outro resta calar. Se seu modo de dizer não serve, sua experiência tampouco tem algum valor”.

Eagleton (2003, p. 22-23) também reforça ao analisar a literatura a partir da premissa de como a ideologia é uma estrutura de ideias, percepções, crenças e valores que sustentam o poder social. Tal percepção é passível de ser analisada ao estudar as contribuições do discurso religioso na literatura acerca do ser mulher, por exemplo, ao estabelecer e reforçar padrões de comportamentos a serem rigidamente seguidos (Rocha; Sousa; Lobato, 2025, p. 124-139).

Vemos, então, a possibilidade de compreender o texto literário enquanto discurso passível de ser analisado pela Análise de Discurso Crítica (ADC) na compreensão do equilíbrio analítico aqui delineado.

Essa abordagem se torna possível porque a ADC integra o que se convencionou chamar de Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO). A ADTO é essencial, pois parte do texto como premissa metodológica e engloba a análise aprofundada dos recursos composicionais da obra. Assim, ao detalhar esses aspectos estilísticos e formais, acreditamos que a ADC pode contribuir para a investigação da literariedade do romance, que corresponde ao lado da Diferenciação proposto por Candido (2006) e Cruz (2025), ao mesmo tempo que analisa a produção de novos arquivos de significação contra-hegemônicos.

### **3 ENTRE O TEXTO E O MUNDO: A ADC COMO FIO CONDUTOR NA LEITURA DO DISCURSO LITERÁRIO**

A nossa abordagem metodológica adotada, voltada à análise do discurso literário, fundamenta-se na premissa de que a literariedade está ancorada na composição estrutural da obra e sua relação com o “externo”.

Para Gancho (2017), “[...] toda narrativa tem elementos fundamentais, sem os quais não pode existir; tais elementos de certa forma responderiam às seguintes questões: O que aconteceu? Quem viveu os fatos? Como? Onde? Por quê?” (Gancho, 2017, p. 4).

Desse modo, nosso foco na construção formal dos personagens Mateus e Pastor dos Mortos e na subversão dos discursos e do enredo justifica a relevância deste estudo também enquanto contribuição para a análise literária, a fim de estabelecer a ADC como ferramenta capaz de desvelar essa estrutura formal em sua dimensão político-ideológica em novas formas de dizer.



A Análise de Discurso Crítica (ADC) investiga como o discurso expressa, mantém ou rompe relações de poder, ideologia e desigualdade social. Originada na Linguística Crítica (LC), integra contribuições de Fairclough, Van Dijk e Wodak, dialogando com teorias sociais de autores como Foucault e Althusser. Trata-se de um método interdisciplinar e textualmente orientado, que examina textos em sentido amplo (escritos, orais ou multimodais) e considera seus contextos históricos, sociais e culturais (Wodak, 2004).

Ao articular níveis micro e macro de análise pelos significados do discurso, a ADC busca revelar como escolhas linguísticas constroem sentidos e naturalizam práticas sociais, o que permite compreender o funcionamento do discurso na representação da realidade e na reprodução das relações de poder (Rocha; Martins, 2025, p. 215-228). Neste trabalho, utilizamos os significados acional e representacional, sobre os quais discorreremos brevemente a seguir.

O significado acional, segundo Fairclough (2001), mostra o discurso como prática capaz de “manter, contestar ou modificar” relações sociais, ou seja, sua atuação direta sobre o mundo. Resende e Ramalho (2006) reforçam que a análise busca mostrar como o texto intervém concretamente na interação social. Em “Corpos Secos” (2020), por exemplo, esse sentido se manifesta no discurso do Pastor dos Mortos, que mobiliza os zumbificados por meio de sua fala e de suas intenções, utilizando a autoridade discursiva para orientar ações concretas dentro da narrativa.

Já o significado representacional está ligado à forma como o discurso constrói visões. Fairclough (2003, p. 124) nos lembra que diferentes discursos expressam diferentes perspectivas de mundo, ligadas às posições sociais e experiências dos sujeitos. Assim, a caracterização e as ações dos personagens podem reforçar ou subverter papéis e identidades, revelando tensões vinculadas ao mundo não ficcional e permitindo observar como escolhas lexicais e semânticas produzem sentidos sociais.

A circulação de sentidos desses significados ocorre por meio da intertextualidade, entendida como a presença de múltiplas vozes em um texto, e da interdiscursividade, que articula diferentes discursos (religiosos, políticos, econômicos) em uma mesma prática. Essas dimensões imprimem a manifestação direta ou não daquilo que é dito pelo outro, e pode ser utilizada como voz harmônica (com mesmos interesses/objetivos) ou voz contrastante (com interesses/objetivos opostos) (Resende; Ramalho, 2006, p.65).

A articulação da ADC na análise do discurso literário tem demonstrado um crescimento notável. Essa expansão é evidenciada por trabalhos que vão desde os estudos pioneiros, como



o de Lima (2005), até publicações recentes e específicas. Exemplos dessa produção incluem o de Nascimento, Pinheiro e Martins (2023), focado na análise do poema de autoria negra, e o de Lima (2025), que discute o contradiscurso decolonial sertãopunk em “A Diplomata”.

Damos especial destaque à metodologia de análise proposta por Lima (2025). Embora esse autor conduza a leitura integral da obra, a seleção dos excertos para a análise detalhada é orientada por uma dupla chave: critérios discursivos, que buscam marcas linguísticas associadas a relações de poder, e critérios decoloniais, que focam em passagens em que as colonialidades do poder e do gênero se manifestam na manutenção ou na desestabilização de hierarquias sociais (Lima, 2025, p. 14).

Para os propósitos desta pesquisa, adaptamos essa abordagem: mantivemos a estrutura textual de análise discursiva, mas substituímos o foco nas pistas de colonialidade pela investigação da construção literária na relação de embate entre homossexualidade e religião, personificadas em Mateus e Pastor dos Mortos.

Acreditamos que, a partir desse deslocamento, foi possível analisar “Corpos Secos” (2020) como um novo material que, assim como apontado por Lima (2025) sobre “A Diplomata”, atribui novos modos de (re)existência.

#### **4 A METÁFORA DOS CORPOS SECOS E O PERSONAGEM MATEUS: OS DISCURSOS EM TORNO DA HOMOSSEXUALIDADE E RELIGIÃO EM (RE)EXISTÊNCIA**

A lenda dos corpos secos é um mito popular no folclore brasileiro, especialmente no interior e em regiões rurais, que descreve a figura de um corpo humano que, após a morte, não se decompôs completamente e foi amaldiçoado a vagar eternamente (Reis Filho, 2013). Esses corpos, chamados de “corpos secos”, são vistos como um tipo de alma penada ou zumbi que não receberam descanso espiritual por causa dos pecados cometidos em vida; são pessoas que foram extremamente más, como assassinos, ladrões ou aqueles que maltrataram pais e mães (Câmara Cascudo, 1985, p. 339).

Como punição, após a morte, seus corpos não são aceitos pela terra e não conseguem se decompor; o resultado é um corpo ressequido, que não apodrece nem é consumido pela terra ou pelos animais, e fica vagando pelo mundo, assombrando os vivos (Reis Filho; Rodrigues; Santos, 2022).



Com base nesses estudos sobre folclore popular, defendemos que o romance literário recorre a uma intertextualidade implícita delineada por Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 30-43), comum a textos literários, que requer que o "leitor/ouvinte seja capaz de reconhecer a presença do intertexto pela ativação do texto fonte em sua memória discursiva [...]". Segundo as autoras, a não ativação da memória discursiva prejudica a construção de sentido, presente sobretudo no caso da subversão:

Por serem as fontes dos intertextos, de maneira geral, trechos de obras literárias, de músicas populares bem conhecidas ou textos de ampla divulgação pela mídia, bordões de programas humorísticos de rádio ou TV, assim como provérbios, frases feitas, ditos populares etc., *tais textos-fonte fazem parte da memória coletiva (social) da comunidade, imaginando-se que possam, em geral, ser facilmente acessados por ocasião do processamento textual embora, evidentemente, não haja nenhuma garantia de que isso venha realmente a acontecer* (Koch; Bentes; Cavalcante, 2008, p. 31, grifo nosso).

Dessa forma, nossa leitura aponta que título da obra já articula o significado representacional no nível textual por meio da metáfora; Fairclough (2001, p. 241) reconhece essa estratégia como estilo, mas também além, argumentando que, ao nos significarmos, "estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra". Há, também, interdiscursividade: o discurso popular fundado e fundido no discurso cristão, visto que, para Reis Filho, Rodrigues e Santos (2022), a lenda é uma incorporação do cristianismo no saber popular para normatizar padrões morais.

Assim, no contexto do romance distópico, a ativação da memória discursiva do arquivo popular possibilita que o debate provocado pelo livro transcenda a simples imagem de seres humanos sendo devorados por zumbis, focando-se, na verdade, no deslocamento do processo de decomposição da humanidade daqueles sujeitos sociais que, em nome de suas crenças, cometem atrocidades extremas<sup>1</sup>.

Aqui surgem duas figuras que ocupam papéis em antítese: o protagonista Mateus e o antagonista Pastor dos Mortos.

Mateus é representado como um homem jovem, homossexual e infectado pela Síndrome de Matheson-França (causadora dos corpos secos), mas que misteriosamente não manifesta a doença, tendo o sangue estudado por médicos como possível cura para a epidemia; o Pastor dos

---

<sup>1</sup> Reiteramos que essa leitura da metáfora dos corpos secos não se aplica unicamente na relação entre Mateus e o Pastor dos Mortos, aqui analisados, mas também aos outros três protagonistas, que passam por diversos traumas, como pelo estupro, cárcere privado etc.

Mortos é representado como uma figura enigmática capaz de “controlar” os mortos-vivos, sempre verbalizando trechos da Bíblia para anunciar a morte de Mateus.

Tendo em vista a explicação da metáfora-chave que serve de eixo condutor da diegese e se manifesta na dinâmica relacional dos personagens em pauta, seguimos para a análise na estrutura fragmento-análise, conforme vê-se a seguir.

#### 4.1 HIV, homossexualidade e perseguição: análise dos fragmentos selecionados

Além da intertextualidade já vista, uma outra intertextualidade implícita que constrói a relação de oposição entre terreno x sagrado ocorre na introdução, de fato, da narrativa, presente no Fragmento 1:

- 1) No princípio era o caos e a urgência; vieram então as semanas de medo, mergulhando aos poucos num silêncio moribundo; reina agora a paz da cidade morta” (Geisler *et al.*, 2020, p.7).

Nesse enunciado que inicia o romance, “No princípio” é uma clara alusão à abertura do Evangelho de João (“No princípio era o Verbo”) e ao Gênesis (“No princípio, criou Deus os céus e a terra”). No entanto, ao invés de evocar a criação divina, a intertextualidade aqui é subvertida para descrever um processo de destruição e decadência; uma vez que o arquivo bíblico aborda o começo da criação e da ordem, este trecho lida com o surgimento do caos e da morte.

Após essa introdução, a apresentação do personagem Mateus, portador da Síndrome de Matheson-França, parece estabelecer uma clara alusão ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Essa conexão é inferida pela composição imagética que remete à crise da AIDS, inicialmente estigmatizada como a "peste gay" e difundida como um castigo divino contra a promiscuidade da homossexualidade (Nalin, 2022).

A cena a seguir introduz Mateus em um ato sexual com seu companheiro Romero, quando o protagonista já está infectado, conforme o Fragmento 2.

- 2) Mateus o vê exhibir o pacote de camisinha como um troféu. Romero o abraça e puxa a camisa dele para fora da calça. De um modo apressado, Mateus abre o botão e a



braguilha, então puxa a calça para baixo, até a altura dos joelhos, virando-se de costas e curvando-se sobre a cama alta. Romero tira o colete do policial federal e também abre a calça, que tomba no chão com o peso do cinto e do coldre. Coloca a camisinha, passa o lubrificante em Mateus e o fode com uma veemência indiferente e distante, enterrando até os colhões (Geisler *et al.*, 2020, p.8).

O ato sexual entre os dois homens é representado na narrativa em termos carnis e explícitos, o que, no contexto do discurso religioso conservador, representaria uma blasfêmia divina. Essa representação é marcada pela utilização da conjugação popular e crua do verbo "foder", bem como o termo "colhões", que reforçam o caráter visceral e transgressivo da cena, o que contrasta com a linguagem idealizada do sagrado.

O uso desse léxico anti-normativo pode ser lido como um ato de performatividade linguística que, ao ser confrontado com a performatividade de Judith Butler (2018), adquire uma dimensão política: a explicitude e a crueza do ato representam a impossibilidade de repetição coesa da norma (seja a linguagem "pura", seja o sexo "certo").

Além disso, nessa mesma sequência, há referências específicas à transmissão da síndrome no texto. A menção de que "é preciso ter cuidado com sangue. E sêmen", como no Fragmento 3, parafraseia a síndrome causadora de corpos secos a Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs):

- 3) Mateus agarra os lençóis gemendo de prazer e alívio [...]  
- Você ouviu a doutora Sandra. Suor e saliva não são problema, só precisa tomar cuidado com sangue. E sêmen (Geisler *et al.*, 2020, p.8).

Portanto, simultaneamente reflete a desinformação amplamente propagada sobre as vias de contágio do HIV. Outro trecho que estabelece essa conexão aparece em capítulos posteriores, presente no Fragmento 4, ao associar a crise dos corpos secos à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), doença consequente do HIV:

- 4) Isso é doença de brasileiro, culpa do governo, culpa do PT, culpa do FHC, culpa do Lula, culpa do Foro de São Paulo. Isso era a revolução da aids, *atrás dos gays também* (Geisler *et al.*, 2020, p. 50, grifo nosso).

Vemos que, no Fragmento 4, diversos atores sociais são responsabilizados pela suposta culpa; no entanto, nenhum deles é sintaticamente passivado em relação à ativação da perseguição da AIDS (Van Leeuwen, 1997, p. 219) como ocorre com o grupo “gay”. O uso de “também” funciona como marcador de foco desigual, pois implica que, embora a AIDS fosse uma ameaça para a população em geral (o que inclui outros grupos minorizados), há destaque ao grupo textualizado como alvo principal ou bode expiatório da crise.

A escolha de representar textualmente e de forma explícita os gays como os perseguidos, na analogia entre AIDS e a Síndrome de Matheson-França, em vez de outro, manifesta o funcionamento discursivo descrito por Van Leeuwen (1997) nos processos de inclusão e exclusão.

Concluimos que, nessa sequência de enunciados analisados, é perceptível a incorporação do discurso estigmatizado direcionado a uma parcela específica da população (homens homossexuais), embora com o intuito de realizar uma crítica da realidade não-fictícia. Nesse ponto, a obra literária dialoga com estudos que apontam a perseguição religiosa em relação à comunidade *Queer* soropositiva, discursos esses incorporados pela mídia, conforme Gomes (2021):

A metaforização da doença é invocada desde a Antiguidade. Episódios como a Praga de Constantino, Praga de Justiniano e Praga de Cipriano são alguns dos exemplos mais famosos encontrados em registros da história antiga. Na Bíblia, há também menção às “10 pragas do Egito” no texto Êxodos, uma série de maldições enviadas por Deus ao Faraó como resposta à decisão de não libertar os hebreus. Em todos esses casos, a construção da praga é constituída através de eventos trágicos, em sua maior parte doenças que se alastram para castigar o coletivo. A partir do século XVII, a noção de castigo parte da ideia coletiva para a noção de punir um grupo específico. *Assim, as pandemias e epidemias são utilizadas na metaforização de nós e eles, ou seja, um grupo de pessoas impuras são atingidas e castigadas em decorrência do comportamento depravado e imoral, com forte influência sobre casos de ISTs e vícios como o álcool e drogas* (Gomes, 2021, p. 30, grifo nosso).

Com base nesse contexto, a conexão entre Mateus e o Pastor dos Mortos se desenvolve por meio de uma perseguição, na qual o protagonista é constantemente seguido pelo Pastor e sua horda de mortos-vivos, que veem na morte de Mateus uma salvação para a humanidade. A introdução do Pastor dos Mortos na estória é apresentada pelo Fragmento 5, que contextualiza a nomenclatura dada ao antagonista pelos demais personagens da narrativa:

- 5) [...] De dentro do hospital não dava para escutar direito o que ele dizia, mas parecia algum tipo de oração ou pregação religiosa, o que valeu ao sujeito o apelido, entre a equipe médica, de Pastor dos Mortos” (Geisler *et al.*, 2020, p. 10).



Seguindo a metodologia da ADC a respeito da ADTO, vemos que "Pastor dos Mortos" remete a práticas religiosas, sobretudo aquelas que envolvem pregação e orientação espiritual. No contexto do romance, esse nome pode ser visto como uma ironia ao papel da religião em situações de crise. A figura do pastor, tradicionalmente associada à vida e à salvação, aqui se relaciona à morte e à condenação, invertendo o significado usual e questionando as práticas religiosas em tempos de desespero.

No Fragmento 6, os mortos-vivos são comparados a ovelhas, animais do rebanho que devem ser guiados e protegidos dentro da tradição cristã, além da acionalidade do Pastor dos Mortos enquanto autoridade discursiva:

- 6) Os corpos secos estão todos parados, olhando em direção ao hospital. Quando enfim se movem, o fazem de modo coordenado, com um rebanho de ovelhas conduzido no pasto. No meio deles, intocado, há um carro de som, cujos alto-falantes reproduzem a ladainha do Pastor dos Mortos (Geisler *et al.*, 2020, p. 11).

Além disso, no Fragmento 7, há a incorporação da intertextualidade por citação direta do capítulo "Apocalipse" da "Bíblia", mais especificamente Apocalipse 3:20, um arquivo social autorizado:

- 7) O Pastor dos Mortos começa a pregação. É mesmo um discurso religioso, recitando trechos do Apocalipse acompanhado de música sacra: *Eis que estou à porta e bato, e se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta entrarei e cearei com ele, e ele comigo.* Ao final, concluiu: Venha para fora, Mateus (Geisler *et al.*, 2020, p. 12, grifos do autor).

Apesar desse enunciado apresentar uma das passagens em que Jesus Cristo fala diretamente à igreja de Laodicéia, representando um convite pessoal e espiritual para uma relação mais íntima e profunda com Deus, o chamado "Venha para fora", que originalmente sugere vida e renovação espiritual, aqui se transforma em um anúncio da morte iminente de Mateus, uma vez que, ao sair de sua zona de proteção, ele se expõe ao perigo que levará ao seu fim.



Essa inversão de significado demonstra como o romance subverte textos sagrados para expressar a fragilidade da proteção e da sobrevivência no mundo que Mateus habita, o que enfatiza a tensão entre a promessa espiritual e a realidade brutal da vida do personagem.

Retomamos Gomes (2021) quando este afirma que as matérias midiáticas, na maioria das vezes, insistiam na utilização de termos como "câncer gay" ou "praga", metáforas que reforçam a ideia de punição divina (p. 36). O autor afirma, ainda, que perseguições e barbáries contra homossexuais foram amplamente noticiadas, muitas delas com forte apelo de "caça aos gays". Essa informação é importante para a obra "Corpos Secos" (2020) ao notarmos que há apenas um único personagem, em todo o livro, contra quem o Pastor dos Mortos profetiza: Mateus, cujo nome também é uma referência bíblica subversiva, dada a sexualidade do personagem.

Assim, ao longo desta análise, deparamo-nos numa fixação da identidade de Mateus em uma norma punível, por meio da qual o Pastor dos Mortos metaforicamente representa as normas da heteronormatividade cristã (e também sorofóbica) <sup>2</sup>. Para Ribeiro (2011, p. 130),

[...] A heteronormatividade é um termo para descrever inúmeras situações nas quais se marginaliza, discrimina-se e se persegue, com práticas sociais, crenças ou políticas, das mais explícitas as camufladas, as variações da orientação heterossexual, bem como as diferentes identidades sexuais e de gênero não heterossexual.

Contudo, essa tentativa falha, pois, conforme Butler (2018), Mateus demonstra que a sexualidade, assim como o gênero, é, na verdade, uma identidade ilusória, pois é criada por meio da performatividade. A transgressão ocorre no momento em que a matriz heterossexual compulsória se depara com a impossibilidade de sua própria repetição coesa.

Portanto, o corpo de Mateus, ao ser visto (paradoxalmente) pelos médicos como a única fonte potencial de cura e salvação, aniquila a lógica punitiva do Pastor e o caos ideológico, o que estabelece a identidade marginalizada historicamente demonizada como vetor de vida, enquanto aquele que deveria trazer a luz é o portador da morte, uma das formas autênticas de corpo seco à espreita.

Nesse sentido, alinhando o romance ao debate contemporâneo sobre memória e representatividade, Nascimento *et al.* (2023) dizem que há uma falta de obras LGBTQIA+ nos acervos, frequentemente sustentada por visões ideológicas que ainda associam essas leituras à

---

<sup>2</sup> A sorofobia é o termo que designa o preconceito, a discriminação e o estigma direcionados às pessoas que vivem com HIV, aqui construída metaforizada na sexualidade e não transmissão da síndrome de Matheson-França por Mateus, conforme delineamos nas análises dos fragmentos 2 a 4.



influência sobre gênero e sexualidade. Queremos apontar que o romance aqui analisado já se apresenta como um contra-arquivo capaz de preencher e desafiar essa lacuna.

Assim, sua presença reforça a necessidade de ainda mais estudos, reconhecimento crítico e integração desse tipo de produção.

## 5 CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS

No presente estudo, propomo-nos a examinar a representação do confronto entre a sexualidade do personagem Mateus e o discurso de controle religioso e salvação autoritária do Pastor dos Mortos no romance distópico "Corpos Secos" (2020), destacando o papel da obra na reflexão sobre as tensões sociopolíticas brasileiras. Para tanto, utilizamos a Análise de Discurso Crítica (ADC) de Fairclough (2001, 2003), com a articulação dos significados acional e representacional para realizar uma leitura que funde texto e contexto.

Pela nossa perspectiva, o romance se insere em um contexto mais amplo, em que obras recentes desmontam cânones hegemônicos pela participação ativa de uma disputa simbólica na biblioteca cultural brasileira: quem tem o direito de produzir e como produzir a narrativa sobre corpo, moral, pecado, sexualidade e salvação, tal qual "Caminhando com os Mortos", de Micheline Verunschik. Assim, ao dar voz e centralidade a experiências e perspectivas historicamente marginalizadas, "Corpos Secos" (2020) funciona como um contra-arquivo transgressivo, porque rompe diretamente com as normas e expectativas que tradicionalmente silenciaram essas vozes, e, simultaneamente, como um gesto subversivo, na medida em que não apenas atravessa tais limites, mas desestabiliza os próprios fundamentos que legitimam essas estruturas discursivas, reconfigurando os modos possíveis de dizer e de significar.

Acreditamos que o nosso trabalho cumpriu o objetivo de ir além da "tendência crítica que se foca na temática". A análise observou que a releitura da estigmatização da homossexualidade é estilizada por meio das escolhas lexicais, semânticas e da linguagem (análise formal, inversão da metáfora, subversão intertextual do enredo), o que exige uma leitura atenta na narrativa e correlações histórico-sociais para a efetiva interpretação. Cremos que essa estilização pode ser considerada como status de literariedade da obra, correspondendo, assim, à Integração e Diferenciação propostas por Candido (2006).

Finalizamos o presente artigo com a perspectiva, para estudos futuros, de aprofundamento na análise dos outros personagens (Regina, Murilo e Constância) para compreender como outras figuras marginalizadas (gênero e classe) são construídas



discursivamente e literariamente na obra pela metáfora dos corpos secos, a fim de expandir o escopo da crítica social veiculada pela distopia brasileira.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CALDAS AULETE. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2025.
- CÂMARA CASCUDO, L. da. *Superstição no Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 1985.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CRUZ, D. da. Leituras da ficção contemporânea: entre temas e estilos. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 50, n. 97, p. 118-126, jan./abr. 2025. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/19992>. Acesso em: 24 nov. 2025.
- DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.
- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora da UNB, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003.
- GANCHO, C. V. *Como analisar narrativas*. 7. ed. São Paulo: Série Princípios, 2017.
- GEISLER, L. *et al. Corpos secos: um romance*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2020.
- GOMES, G. dos S. *Corpos marcados: a comunidade LGBTQIA+ durante a epidemia de HIV/AIDS em Pose*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Relações Públicas) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021.
- JAFFE, N. #93 - Para escrever melhor — Noemi Jaffe e Vanessa Ferrari. Apresentação: Paulo Werneck. QUATRO Cinco Um: Para escrever melhor. [S.l.], 11 ago. 2023. Podcast. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PafErqibq08>. Acesso em: 20 out. 2025.
- KOCH, I. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.



LEENHARDT, J. A construção da identidade pessoal e social através da história e da literatura. In: LEENHARDT, J.; PESAVENTO, S. J. (Org). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: UNICAMP, 1998, p. 41-50.

LIMA, M. C. de. Análise de discurso crítica e a análise de gêneros discursivos literários. In: III Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2005. *Anais do III SIGET*. Rio Grande do Sul: [s.n], 2005. Disponível em: [https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SIGET\\_III/titulos.htm](https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SIGET_III/titulos.htm). Acesso em: 30 ago. 2025.

LIMA, W. C. *Relações de poder em A diplomata, de G. G. Diniz: o contradiscurso decolonial sertãoopunk*. 2025. 90 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2025.

MAINGUENEAU, D. O discurso literário contra a literatura. In: MELO, Renato de. (Org). *Análise do discurso & literatura*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programação de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

NALIN, V. “Peste gay”: veiculação midiática e os estigmas criados sobre o surgimento da AIDS na década de 1980. In: Simpósio de Pós-Graduação do Sul do Brasil, 1, 2022, online. *Anais: a transversalidade da ciência, tecnologia e inovações para o planeta*. Universidade Federal da Fronteira Sul [s.n], 2022. Disponível em: <https://portaleventos.uuffs.edu.br/index.php/simpos-sul/article/view/15623/10448>. Acesso em: 04 set. 2025.

NASCIMENTO, E. N. C. do; PINHEIRO, J.; MARTINS, A. M. S. Still I Rise: o poder do discurso em narrativa de resistência negra. In: SEMANA ACADÊMICA DO PGCULT, 10., 2023, São Luís. *Anais da X Semana Acadêmica do PGCult: Pluralidades epistemológicas e metodológicas no fazer interdisciplinar*. São Luís: PGCult/UFMA, 2023. p. 902-913.

NASCIMENTO, S. K. C. do *et al.* A representatividade LGBTQIA+ na literatura e nas bibliotecas: análise de produções científicas. In: XI JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS (JOINPP), 11., 2023, São Luís. *Anais da XI Jornada Internacional de Políticas Públicas*. São Luís: UFMA, 2023. Disponível em: [https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2023/upload/anais/trabalho\\_submissaoId\\_2356\\_2356649858c8678d6.pdf?062840](https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2023/upload/anais/trabalho_submissaoId_2356_2356649858c8678d6.pdf?062840). Acesso em: 15 nov. 2025.

REIS FILHO, L. Na trilha do Corpo-Seco. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. 5, n. 15, p. 119-144, jan. 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/702453288/Na-Trilha-Do-Corpo-Seco>. Acesso em: 24 nov. 2025.

REIS FILHO, L.; RODRIGUES, C.; SANTOS, C. J. dos. Assombrações, catolicismo e "não morte" nas narrativas do "Corpo Seco". *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, v. 14, n. 42, p. 29-68, jan./abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/58416/751375153556>. Acesso em: 21 nov. 2025.



RIBEIRO, H. C. de F. Sexualidade, gênero e teoria queer. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, [S. l.], v. 22, n. 2, 2011. DOI: 10.35919/rbsh.v22i2.228. Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/228](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/228). Acesso em: 5 set. 2025.

ROCHA, G. L. S. da; SOUSA, D. A. S. de; LOBATO, A. T. M. Vozes de alteridade e solidão feminina: reflexões sobre a condição da mulher contemporânea na obra *Amor*, de Clarice Lispector. In: SOUSA, R. F. A. de; SANTOS, M. F. dos. (Orgs.). *Literatura e transgressão*. Tutóia: Lupa, 2025, p. 124-139. Disponível em: <https://www.editoralupa.com.br/livros/literatura-e-trangressao/>. Acesso em: 3 set. 2025.

ROCHA, G. L. S. da; MARTINS, A. M. S. Lulista contra bolsonarista no podcast “Cartas na Mesa”: uma análise crítica do discurso. *Redis: Revista de Estudos do Discurso*, Porto, n. 16, p. 211–242, 2025. DOI: 10.21747/21833958/red16a8. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/15053>. Acesso em: 25 nov. 2025.

VAN LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. (Org.) *Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho, 1997, p.169-222.

WODAK, R. De que trata a ADC - um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em (Dis)curso - LemD*, Tubarão, v.4, p.223-243, 2004.

